

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA APARECIDA PEREIRA ALVES

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA APARECIDA PEREIRA ALVES

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

Aos meus filhos, Débora, Beatriz e João
Paulo, pelo tempo que deixei de brincar para
aprender a brincar com outras crianças.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Levi, pela paciência principalmente na segunda versão deste trabalho.

Aos meus pais Francelino de Augusta que nunca deixaram de acreditar em mim.

E principalmente a DEUS que me deu força e coragem para não desanimar com os obstáculos do caminho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1. MEMÓRIA	2
2. ROTINA	4
3. A BRINCADEIRA COMO FORMA DE SOCIALIZAÇÃO	7
4. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	11
5. A CRIANÇA E SUAS LINGUAGENS	15
6. O PAPEL DO PROFESSOR NO MUNDO DAS BRINCADEIRAS	18
7. OLHOS E IMAGINAÇÃO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

APRESENTAÇÃO

Existe um mundo totalmente diferente voltado para o universo infantil, um universo cheio de jogos e brincadeiras onde o adulto é mero espectador.

Neste trabalho procuro mostrar a importância do brincar na educação infantil e em todos os momentos da vida da criança, e como a brincadeira é fundamental no desenvolvimento da criança como um todo. Procuro também destacar como o curso de Pedagogia do PROESF, me ajudou ter um novo olhar sobre a brincadeira e o brinquedo infantil.

Antes mesmo de falar, de andar a criança aprende a brincar e brincando aprende a conhecer o mundo, a criar o seu universo e se comunicar com ele adquirindo conhecimento. “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuem anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam” (REFERENCIAL CURRICULAR, 1998. p.27).

Sendo assim o brincar por brincar não existe, mas toda brincadeira torna-se uma experiência de vida. No ato de brincar, os sinais, os gestos muitas vezes nos levam a outra realidade, as crianças nos mostram pela imaginação um outro ser uma nova visão do mundo que as cerca.

Se tivermos as brincadeiras no plano da imaginação e imitação pode-se concluir que toda brincadeira é a imaginação transformada em emoção e aprendizagem. Portanto, a escola como direito de todos, deve proporcionar as nossas crianças este processo, facilitando esta aquisição e criando

... situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com outros em uma atitude básica de respeito confiança e acesso, pelas crianças, ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultural (REFERENCIAL CURRICULAR, 1998, p. 23).

Partindo deste princípio, ressaltar a importância de uma escola voltada não somente para aquisição de conhecimento específico, mas principalmente voltada para que essa aquisição seja de maneira prazerosa e dinâmica.

1-MEMÓRIAS

É muito difícil falar sobre nós mesmos. Mais difícil ainda é falar sobre nossa história, lembrar e entrelaçá-la com nosso presente.

Minha história escolar não foi marcada por grande acontecimento, tanto que não me lembro de quase nada. Sou do tempo em que as crianças não chamavam a professora de tia e muito menos de “prô”. “Professora” era assim que nos referíamos àquela pessoa tão ilustre e distante, que tinha o poder de nos “ensinar”, a escola era um lugar sério e formal onde íamos aprender “a qualquer custo”.

Longe de ser um lugar de brincadeira, era um lugar onde tínhamos que esquecer o que era brincar, um lugar tão pouco interessante que por mais que me esforce minhas mais antigas lembranças da escola ou de qualquer professora recaem sobre a terceira ou quarta série.

Tomei conhecimento, por relato de meus pais, que comecei minha vida escolar em São Paulo onde morávamos, mas nem meus pais sabem o nome da escola. Conclui a primeira série nesta escola e logo minha família mudou-se para Espírito Santo do Pinhal, onde estudei até o final do segundo grau.

Durante todo primário e ginásial as coisas correram mais ou menos como deveriam ser, sem nada de novidade ou algo que ficasse marcado na memória. Foi no final do ginásial que as coisas começaram a mudar.

Como toda adolescente não sabia o que fazer do futuro. Era a primeira grande escolha, a primeira séria decisão a tomar, dela dependeria meu futuro.

O que fazer? Continuar o colegial e tentar um vestibular ou fazer magistério e já sair com uma profissão?

Sinceramente não sabia o que escolher, e naquele tempo teste vocacional era algo quase desconhecido, tinha que pensar não somente pelo lado vocacional, mas também pelo lado financeiro, meus pais não tinham como me sustentar em uma faculdade, portanto tinha que ser prática também.

Resolvi fazer os dois cursos, tinha que aproveitar para estudar enquanto meus pais podiam, ou seja, até o final do segundo grau, depois era por minha conta.

Comecei a freqüentar os dois cursos, magistério pela manhã e colegial à noite, era bastante cansativo porque ainda tinha que dividir as tardes entre as aulas de educação física e os estágios, logo mais quatro amigas resolveram fazer o mesmo, formamos então um grupo.

Todos os professores nos viam como um exemplo a ser seguido e, portanto não podíamos desapontar uma escola inteira e muito menos nossas famílias. Para meus pais eu seria a “professora”, mesmo que decidisse por outra profissão, eu seria professora e isso era muito importante.

Quando me formei, apesar de todos os esforços, dedicação, ainda não tinha claro o que queria, terminei o magistério mais para satisfazer meus pais do que por vocação. Procurei outros trabalhos, mas curiosamente, o que me aparecia era na área da educação.

Comecei a substituir em escola do meu bairro, quando resolvi vir para Campinas trabalhar e continuar a estudar fazer minha vida aqui.

Trabalho na Prefeitura Municipal de Campinas desde 1983, como substituta e em 1991 me efetivei. A concepção de educação mudou muito em todos estes anos.

Mudou muito mais a minha concepção. Cursar a universidade me fez abrir novo horizonte no que diz respeito ao universo infantil, faz parte do crescimento mudar o olhar mas para que isso aconteça é necessário se deixar levar por entre as ondas deste novo conhecimento.

Hoje eu sei que fiz o que era o certo, realmente o campo educacional é aquilo que me realiza e agradeço a DEUS por me mostrar através de meus pais que o magistério é o meu caminho.

2-ROTINA

Repensando minha vida profissional e a rotina da Emei onde eu trabalho a mais de uma década, cheguei a conclusão que a relação de aprendizagem formal e o mundo lúdico em que a criança vive são dois mundos completamente distintos.

As instituições de educação infantil não estão longe deste mundo mágico em que está a criança, mas ainda tem muito caminho a percorrer para tornar-se ideal.

A necessidade que a criança tem de brincar, é a mesma que o adulto tem de trabalhar. Brincar é o trabalho da criança e neste sentido a brincadeira e o aprendizado caminham juntos, pois é através da brincadeira que a criança se apropria do mundo, portanto, brincar gera conhecimento.

“O homem só é completo quando brinca”, escrevia Schiller, como disse para a criança brincar é o seu trabalho, mais importante que muitas outras coisas, a criança é capaz de esquecer o mundo ao seu redor quando brinca, criando seu próprio mundo.

Sua relação com o brincar vai muito além daquilo que nós adultos estabelecemos como brincadeira. Sendo assim, brincar, longe de ser uma mera diversão é o momento pelo qual a criança tem realmente seu espaço, e é no brincar que a criança interage criando situações problemas e soluções para tais situações, tornando-se dona de seu próprio mundo.

O brincar é considerado por Vygotsky (1988), como zona de desenvolvimento proximal, é neste espaço de tempo aliado com atividades lúdicas que a crianças “se torna” aquilo que ainda não é, ou seja, adquire o conhecimento. Portanto

A ação na esfera imaginativa numa situação imaginativa, a criação de intenções voluntária e a formação dos planos da vida real e motivação volutiva, tudo aparece no brinquedo que se constitui, assim no nível do desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se essencialmente através das atividades do brinquedo. (VYGOTSKY, 1988, p. 117).

No dia-a-dia do PROESF e em todas as disciplinas, foi ressaltada a importância de se respeitar à fase do desenvolvimento da criança. Momentos como o despertar da curiosidade envolvendo fatos como reações químicas e os fenômenos da natureza, apresentando o mundo da ciência como uma gostosa brincadeira.

Desenvolvendo a curiosidade, a imaginação e criatividade de maneira que a criança jamais vai esquecer do conteúdo apresentado. A criança é um ser imaginativo e sendo assim o jogo simbólico tem importância fundamental na construção de sua relação com a criatividade e a imaginação.

No jogo simbólico, na brincadeira de casinha, por exemplo, onde as crianças assumem os papéis dos pais nos cria mesmos uma certa responsabilidade, sendo esta uma característica dos adultos.

Na Emei onde eu trabalho aconteceu um fato que podemos ilustrar a questão como aprendizado-lúdico.

Era dia de casinha de boneca, Rafaela sempre corre para pegar as panelinhas e uma boneca em especial, que diz ser sua filha. Como líder da brincadeira, ela distribui os papéis da família imaginária.

Rafaela brincava distraidamente com os utensílios de cozinha da casinha quando em um determinado momento chegaram mais duas crianças na brincadeira. Como estava cozinhando, fazendo o almoço para a família virou-se para a criança que fazia o papel de pai e disse que precisava fritar mais dois bifes para as visitas senão elas não poderiam almoçar.

Através da brincadeira, Rafaela mostrou que já havia construído vários conceitos matemáticos formais. Sabia relacionar quantidade, somar, dividir entre os participantes da brincadeira, o alimento.

Ela aprendeu sem o transtorno das contas efetuadas sofredamente pelas crianças na escola de ensino fundamental. Exemplo assim vem reforçar, que o conhecimento se dá de maneira concreta, o conhecimento é construído e não transmitido.

O brincar com objetivo concreto de aprendizado com a manipulação de jogos, e de adquirir conhecimento requer rotina.

O dia começava sempre com a rodinha das crianças em sala, conversávamos, elas contam alguma novidade ou simplesmente ouviam, geralmente são as mesmas crianças que falam todos os dias.

Cantávamos várias músicas e agradecíamos pelo dia, também na rodinha discutíamos o que íamos fazer no dia e era sempre uma atividade coletiva que atendia as propostas dos projetos que estavam sendo desenvolvidos.

Logo depois de terminar as atividades coletivas era feita a limpeza da classe, a higiene das crianças e vamos para o lanche, voltamos para a classe e escovávamos os dentes sempre com muita pressa, pois as crianças estavam loucas para desenvolver sua melhor atividade: “brincar no parque”.

A rotina é necessária para organizar os espaços e criar responsabilidade nas crianças. Hoje percebo que existe outras maneiras de atingir este objetivo. Pensando nisto devo considerar que foi muito difícil mudar, mudar significa deixar para trás muito de si, renunciar a antigos hábitos, abandonar algo em que acreditava ser verdade.

Reconhecer que estava caminhando por caminhos tortuosos cheios de buracos e que estava conduzindo muitas vidas comigo, muitas vezes por caminhos sem volta. Não sei se vou chegar a ser o profissional que imagino, mas estou trabalhando para isso.

Quero um novo horizonte para minhas crianças lembrando que

Romper com ambientes rígidos, voltados ao sentido de obrigação e ao mero cumprimento de tarefas. Não abre espaços para a construção de ambientes humanizados, criativos, descontraídos e alegres voltados a descobertas e não apenas ao recebimento de coisas prontas. (PINTO, 1988, p.20).

Como vimos, brincando a criança aprende a lidar com o mundo e forma sua personalidade. Recria situações do cotidiano e experimenta sentimentos básicos, como amor e medo.

3- A BRINCADEIRA COMO FORMA DE SOCIALIZAÇÃO

A valorização da escola como centro de cultura e sala de aula como ponto de encontro e encontro humano, não como local de cumprimento de tarefas, mas como espaço privilegiado de diálogo, de vivência e convivência.

Não se deixa de considerar a necessidade da dedicação e do esforço que a disciplina envolve, mas também não se esquece do prazer da aprendizagem, da descoberta do novo da superação dos desafios. (MARCELLINO, 1988, p. 127)

Tendo em vista a escola como ambiente cultural, devemos levar em consideração, aqueles que dela usufruem. A criança em ambiente escolar muitas vezes, talvez na sua totalidade é desprezada como um ser que produz cultura.

Sua bagagem cultural é inexplorada, portanto desprezada, devemos então, abrir espaços onde a criança desenvolva sua criatividade.

A escola esquece que a criança pensa joga, fala, escuta, canta, compreende, descobre, inventa, sonha, é um ser com “cem formas de linguagens”, não é de forma alguma um ser abstrato, mas um ser integrado a sua realidade.

Portanto um ser total, não fragmentada como é a visão da escola. Dividida em: cognitivo, social, afetivo, lingüístico, motor, a criança deve ser vista como um todo, membro de sociedade onde deve ser eliminado qualquer tipo de opressão, dominação ou adultocentrismo.

Devemos levar em consideração a criança como um ser social, observador que guarda na memória as experiências vividas e, portanto realiza através da socialização, sua cultura.

A escola e a sociedade ignoram as reais necessidades das crianças, tanto no campo intelectual como físico. Lembrando que as brincadeiras são um grande laço de socialização, levando em consideração as brincadeiras como o primeiro passo que a criança dá em relação ao outro.

Saindo do egocentrismo, a criança passa a brincar e a entender a brincadeira como forma de criar laços de socializar-se com o mundo que a cerca.

A criança usa da brincadeira para se comunicar, entrar no mundo e agir sobre ele, se socializar criando sistema de defesa sobre as bases da sociedade e sobre si mesmo arquitetando regras e leis sobre as quais ela vai viver, ou seja: “Não são apenas problemas

de vivências desse tipo que as crianças tentam resolver por meio das brincadeiras. Com frequência, brincar faz parte de seu esforço de simplesmente entender o mundo”. (BETTELHEIM, 1988, p.167)

Sendo assim, devemos proporcionar as crianças inúmeras situações, onde através das brincadeiras elas tenham acesso a todos os tipos de culturas ressaltando em especial a bagagem cultural que carrega, locais de experiências onde sentir, explorar entre fantasias e histórias, danças e músicas sua essência criadora.

Proporcionando situações de descoberta, a escola em especial, o professor mostra a criança um novo olhar, uma nova visão do mesmo problema. E, este olhar é fortemente ligado a forma com que aprende.

É através do brincar, de observar, que a criança descobre e aprende outras culturas, pois não existe uma única forma de construir o conhecimento, ele é um processo gradual e progressivo.

Para Piaget (1975), no desenvolvimento como finalidade da educação é preciso colocar a criança como elemento central deste mesmo processo, ou seja, partir do estágio onde se encontra para o estágio seguinte. Portanto:

A criança não é uma mera receptora de informação, não é uma máquina fotográfica, que imprime em interior as estruturas do ambiente: antes de mais nada o construtor de sua inteligência e de conhecimento preciso, então criar para ela oportunidades de Ter experiências com a realidade e assim, começar a pensar, construindo o conhecimento da realidade e a realidade do conhecimento. (ZABALZA, 1988, p.151)

Brincar é coisa séria, brincar não é apenas diversão como vimos, na hora da brincadeira, as crianças desenvolvem física e intelectualmente, destacando-se como indivíduo e ao mesmo tempo em que estabelecem o convívio social, tomam iniciativas próprias e estimulam a criatividade.

As brincadeiras em parques, com brinquedos maiores que permitam exercitar o físico, devem fazer parte da rotina da escola, pois é através deste momentos que a criança aprende a vencer obstáculos.

Na brincadeira livre, o aprendizado espontâneo se manifesta, cabe então ao professor usar deste momento para saber discernir se sua interferência é necessária ou não, sendo assim a escola é vista como:

A escola não é local como outro qualquer, ela é uma instituição e tem como objetivo possibilitar ao educando aquisição do conhecimento formal e o desenvolvimento dos processos de pensamento. É nela que a criança aprende a forma de se relacionar com seu próprio conhecimento. (LIMA, 1990, p.77)

O que não que disser que necessariamente a escola tenha que ser um lugar amargo e sem vida, ela tem por obrigação transformar o tempo em que a criança passa em sua dependência no mínimo tolerável.

No entanto o que acontece é que a permanência das crianças na escola formal é torturante, horas sentadas uma atrás da outra, não tem nada de bom ou produtivo, o lúdico se resume apenas a poucas aulas de artes ou educação física, conforme a descrição abaixo:

Brincar na escola não é exatamente igual a brincar em outras ocasiões, porque a vida escolar é regida por algumas normas que regulam as ações das pessoas e as interações entre elas e, naturalmente, esta presente, também na atividade da criança. Assim as brincadeiras e jogos tem especificidade quando ocorrem na escola, pois são medidas pelas normas institucionais. (LIMA, 1990, p.89)

Assim sendo, o brincar na escola tem um contexto diferenciado do brincar em outros ambientes, pois tem como objetivo não só o lúdico, mas também a aquisição de conhecimento.

O jogo e as brincadeiras na escola tem como pressuposto duplo aspecto de servir ao desenvolvimento da criança, no contexto de construção do conhecimento.

A utilização do brincar como recurso pedagógico tem seus critérios, visto que o brincar é essencialmente lúdico, se deixar de sê-lo perde-se suas característica como forma de atividade infantil, perdendo os benefícios decorrentes desta forma de construção de conceitos, que delas decorrem.

O brincar por brincar reproduz o ambiente familiar o que não é função da escola, nela estes momentos não deve ser só de descontração, mas de aprendizado.

O ambiente escolar deve estar de acordo com suas crianças, mas o que acontece atualmente é bem o contrário, estamos recebendo na Emei crianças cada vez mais novas, e espaço físico deixa de ser adequado, para crianças que mal saíram das fraldas.

4-BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

A brincadeira pode ser com ou sem brinquedo. Nos dias de hoje o brinquedo é um objeto cultural tão importante como a televisão ou um livro, portanto devemos aprender a lidar com eles, pois fazem parte de novo cotidiano.

O brinquedo nos mostra um pouco da personalidade de seu dono, e através deles podemos conhecer melhor nossas crianças.

No decorrer do tempo as crianças deixaram de criar seus próprios brinquedos, com sucatas, pequenos objetos que passa a ter outros significados, para brincar somente com os brinquedos industrializados.

Antigamente, pequenos objetos do dia a dia ganhavam vida na brincadeira, tampinhas de se transformavam em utensílios domésticos, legumes viravam bichinhos de estimação.

O que me faz lembrar de alguns anos atrás, tentando modificar essa realidade, combinei com meus alunos que uma vez por mês no dia do brinquedo, ao invés de trazemos o brinquedo de casa íamos construir um.

Durante as três primeiras semanas recolhemos todo tipo de sucata, para construirmos coisas variadas, como carrinhos, robôs bonecas e até um dinossauro nós construimos.

Essa experiência foi gratificante, mas só foi possível por estar com uma turma de seis anos, hoje nossa escola atende crianças com até cinco anos devido as novas normas do governo.

Mas o que quero ressaltar nesta experiência é que toda criança tem prazer em construir seu próprio brinquedo, ao fazer seu brinquedo, a criança aprende a trabalhar e a transformar elementos da natureza, materiais diversos em objetos que serão seus instrumentos de brincadeira, objetos estes que são produtos de sua criatividade e talento. “Criança nenhuma jamais hesitaria em distinguir o brinquedo que ela mesma fez diante de outros comprados ou feitos pelos seus colegas” (OLIVEIRA, 1984, p.20).

Neste momento a criança além de expor todo seu potencial criativo envolve-se afetivamente com sua criação, este tem o papel importantíssimo na integração entre o físico, o social, o intelectual e o emocional, no processo do desenvolvimento infantil e na construção do conhecimento.

O prazer em ver suas idéias transformadas em algo concreto faz com que sua auto-estima se eleve e o aprendizado se torne gratificante. A elaboração de um brinquedo, por mais simples, requer um grande aprendizado, o que me faz pensar em nossas escolas, nas aulas de educação artística que poderiam se transformar num espaço para esta elaboração, não são aproveitadas neste sentido.

As crianças tem suas próprias impressões, idéias e interpretações sobre a produção de artes e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências que envolve o mundo dos objetos e com seus próprios fazer.

As crianças exploram, sentem, agem, refletem e criam expressões artísticas, constroem significado sobre como se faz, para que serve, e sobre outros conhecimentos a respeito da arte.

Neste sentido, a arte deve ser entendida como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo se dá por meio da articulação, brincadeiras e brinquedos específicos.

A visão que temos de educação artística, mesmo na rotina da educação infantil, é que a criança é extremamente criativa e o adulto não, é apenas um mero reproduzidor. Então questiono: em que momento o indivíduo deixa de ser criativo e passa a reproduzir?

O momento da criação é individual, portanto depende da bagagem cultural, das inúmeras aprendizagens que o indivíduo constrói ao longo de sua vida, e principalmente nos primeiros anos de vida, firmando assim sua função simbólica.

Portanto muito mais que uma matéria, o fazer artístico age na criança como um dispositivo de aprendizagem e nisto, inclui-se as brincadeiras e os jogos. Sei que não é um processo fácil, pelo contrário requer tempo e paciência, mas é extremamente gratificante quando uma criança gosta do que criou.

O que devemos levar em consideração é o conhecimento artístico, não só como matéria de passatempo, para os momentos que não temos mais nada para aplicar, mas desde muito cedo mostrar as nossas crianças a importância de ter um olhar mais apurado, mais requintado diante de uma manifestação artística.

E essas manifestações nos remete as manifestações de origens tradicionais, aquelas que são transmitidas de pai para filho, no carinho do colo. No passado o conhecimento era passado de pai para filho e assim se mantinham não só as tradições mas também as

relações afetivas. A família é o primeiro grupo social que a criança conhece e do qual recebe influência.

Para Winnicott (1975) a criança que tem na família um referencia adequado, procura achá-lo no grupo maior, tios, avós, se mesmos assim não completar amplia-o para a escola, a fim de vivenciar a estabilidade interna.

Portanto, assim como reflexo e fonte de imitação, a família é também o limite entre o real e o imaginário. É através das brincadeiras familiares que a criança aprende a respeitar limites e a doutrinara suas vontades, refletindo na escola o tipo de ambiente familiar em que vive.

A brincadeira da família é, portanto uma imitação dos comportamentos ocupacionais das adultos. É imitando o comportamento dos mais velhos que a criança se torna independente, adaptando-se ao seu ambiente.

Imitando a criança aprende a distinguir o que pode e o que não pode. Por este processo de imitação e de interiorização a criança desenvolve sua autonomia e se socializa. Brincando as crianças mostram facetas de sua personalidade preferência e até os desgostos se a criança não consegue realizar essas transferências, o seu desenvolvimento fica comprometido.

O que me faz lembrar do olhar com que experimentar novas situações, como por exemplo a brincadeira de casinha pelos meninos. É natural que as crianças sintam curiosidade em experimentar novas situações, portanto a crianças de referencial social e afetivo para imitando, seguido.

Para se desenvolver a criança precisa aprender com os adultos ou crianças, pois a aprendizagem acontece na interação do sujeito com o meio em que está inserido. A imitação é resultado da capacidade da criança em observar e aprender com os outros e de seu desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se.

O olhar do adulto neste sentido faz com que a criança mude de foco. Na Emei em que trabalho, durante o ano passado foi desenvolvido um projeto de dança. As crianças na sua maioria meninas, aprenderam os primeiros passos numa carreira tipicamente feminina.

Na primeira reunião de pais da minha classe esclareci dúvidas sobre o tal projeto e disse que a maior dificuldade era a continuidade dos meninos no projeto. Um pai que até

aquele momento estava em silêncio, perguntou se não tinha nenhum projeto para homem, capoeira ou judô.

Respondi que o projeto era também para meninos, e comecei a explicar sobre o desenvolvimento infantil, disse que não existia brincadeira de meninos e meninas, a diferença é cultural.

De fato a diferenciação é apenas cultural. Na comunidade indígena isso não existe. O brincar não exerce influência sobre a opção sexual simplesmente porque, para as crianças não tem essa visão, para as elas o importante é a diversão, o prazer que a brincadeira oferece indiferente se é de casinha ou futebol.

A diferenciação nas brincadeiras dividindo meninos e meninas em grupos distintos está relacionada a normas sociais que tem origem na desigualdade entre os sexos. As brincadeiras de meninos, em geral, envolvem atividades ao ar livre, como bicicleta.

As meninas brincam de casinha, lembrando que antigamente a mulher era do lar, ou seja, sua tarefa era cuidar da casa e dos filhos, enquanto o homem tinha por missão trabalhar fora para suprir as necessidades financeiras da família.

Hoje, os papéis sociais mudaram, a maioria das mulheres é obrigada a trabalhar para ajudar no orçamento doméstico, o que também contribuiu para uma nova visão por parte dos homens.

No faz-de-conta, as crianças copiam os adultos ao redor. O menino que troca fraldas muitas vezes está imitando a mãe trocando o irmãozinho.

O que me faz lembrar do pai da minha reunião, o olhar machista de pai e a questão história e cultural, como a família é reflexo da sociedade, a criança vai em algum momento reproduzir esta situação de preconceito enraizada em casa.

5- A CRIANÇA E SUAS LINGUAGENS

A criança é por natureza um ser de expressão total, tudo o que sente, pensa e sabe pode ser expresso através de múltiplas linguagens: pelo olhar, gesto, choro, mímica, fala, pintura, desenho, modelagem, escultura, música, canto, escrita e tantas outras.

Nenhuma forma de expressão pode ser privilegiada em prejuízo de outra, e conhecendo e respeitando a fase de desenvolvimento em que se encontram, devemos criar situações onde elas possam se expressar livremente.

Os contos de fadas, por exemplo, oferece uma diversidade de gênero lingüístico, que podem em conjunto com outras linguagens, proporciona a criança condições de aprendizado dinâmico e prazeroso.

“A criança tem cem linguagens (depois cem cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.” (MALAGUZZI, 1994) Mas, infelizmente essas linguagens passam quase que despercebidas pelos professores, a criança é toda movimento, é toda brincadeira, é toda alegria.

E a realização de jogos e brincadeira envolve naturalmente os movimentos, pois através deles a criança se coloca no meio, inteirando-se com os objetivos, com as pessoas, explorando seu próprio corpo, o espaço físico, visto que uma das funções da brincadeira é permitir o movimento do corpo e da alma.

Sendo assim nossas escolas, nossos professores estão longe de entender que o correr no pátio da escola na hora do recreio, não é indisciplina, o corpo da criança está em constante agitação, precisa de espaço para crescer física e emocionalmente.

Tendo conhecimento deste orgânico que ocorre com todas as crianças com maior ou menor intensidade, o professor pode e deve organizar atividades que desenvolvam este potencial.

A rotina da escola muitas vezes obriga o professor a ver minuto do recreio como espaço para ele, o que não sou contra, pois o professor precisa e merece Ter um momento dentro do horário de aula para si, mas, ausente do recreio o professor perde uma ótima oportunidade de exercitar o corpo junto com o aluno.

Nas escolas, os corpos infantis gritam por liberdade, por brinquedos, por carinho, mas os intelectos insensíveis dos corpos maltratadas dos

professores não são capazes de compreendê-los. (LORENZETTO, 1991, p.127)

Muitas vezes o professor esquece a necessidade de momento de agito, de contato físico que se manifesta à todo momento “necessidades, desejos e expectativas que se manifestam a qualquer momento, na aula, na rua, no caminho de ida e volta, no recreio...o corpo experimenta, goza, busca, explora, tenta, independente de aulas ou professores (LORENZETTO,1991, p.124).

O que me faz lembrar de certas brincadeiras da infância , como as brincadeira cantadas, elas retratam nossa cultura são sempre dinâmica e funcionais. A brincadeira cantada, como atividade coletiva que envolve o sentimento de união, é uma forma de aprender a nos tornarmos humanos.

A função social da brincadeira cantada deriva das possibilidade que ela tem de criar imagens, representações, valores e significados.

Como todas as outras brincadeiras, a roda cantada constitui-se um espaço privilegiado, no qual a criança consegue criar para si momentos de brincadeira e descontração.

A música, assim como as recitações pôr parte das crianças, faz com que ela compreenda a estrutura da língua materna e aprende a reconhecer o significado das nuances na sonoridade das palavras, aprende que a entonação pode mudar o sentido e que o sentido é importante na comunicação.

Na ausência das atividades relacionada a musica, o processo de desenvolvimento da criança fica bastante prejudicado, pois impossibilita da criança se relacionar com um mundo também cheio de fantasia.

É através destas atividades que a criança, desenvolve não só a linguagem, a memória, mas também a socialização, através desta brincadeira a criança se coloca em evidencia, aumentando sua auto-estima.

Assim como a criança se relaciona com os outros brinquedos, com a música ela também tem uma relação de posse, a minha música, e faz dela o seu hino, quando canta ela se faz parte da canção.

Brincando com música a criança aprende noções de espaço, lateralidade, domínio do corpo e tantos outros conceitos que vale a pena colocar na rotina de nossas crianças a docilidade das brincadeiras cantadas.

6- O PAPEL DO PROFESSOR NO MUNDO DAS BRINCADEIRAS

As crianças estão programadas para aprender, isto é, nascem com um disposição para aprender que as condições sejam sempre adequadas para tanto. Desde que nascem tudo o que acontece ao redor é uma oportunidade para aprender coisas novas e encontram prazer na própria aprendizagem sem que seja necessário oferecer-lhe na própria aprendizagem sem que seja necessário oferecer-lhe algo mais. Perguntam o porquê de tudo o que acontece e estão atentas as menores mudança em seu entorno. Brincando com outras crianças ou atuando sobre os objetos, as crianças estão sempre aprendendo coisas novas. A escola tem que aproveitar essa capacidade de aprender para ensinar às crianças as coisas pelas quais se interessam e a partir delas, ampliar seus horizontes e interesses por problemas mais complexos, pelos quais não se interessam inicialmente porque não os conheciam.(DEVAL JUAN, 1979)

O grande desafio das escolas e professores é fazer com que o ensino acompanhe a linguagem dos novos tempos. O mundo das nossas crianças é cheio de tecnologia: televisão, videogames, internet.

O professor tem que falar a sua linguagem, estar por dentro das novas tecnologia para poder atingir essa nova criança. É necessário que assumam o papel de grandes incentivadores da busca do conhecimento e que as novas estruturas pedagógicas que estimulem verdadeiramente a criatividade, a reflexão crítica.

A criança programada para aprender, precisa de quem a conduza ao mundo do conhecimento. Atentos a maneira pela qual a criança constrói seu conhecimento, e como consideramos os jogos e as brincadeiras como instrumentos de trabalho, devemos considerar que a postura do professor diante desta realidade é de mediador, de interlocutor, aquele que estabelece os limites sem impor.

Devemos ter em mente, o real poder do adulto, nesta brincadeira. O brincar na escola, como já comentamos tem o enfoque de transformar, portanto, é função do professor, é observar.

Fazendo este exercício o professor tem visão total de cada criança, possibilitando assim um processo de atividades onde a criança pode desenvolver-se, adequadamente, adquirindo conceitos formais, conhecimento. Sendo assim é:

A partir de suas observações, o educador terá condições de programar atividades pedagógicas que desenvolvam os conceitos que já estão construindo e que sejam adequadas as possibilidades reais de interação e compreensão que elas apresentam em determinado estágio de seu desenvolvimento (FARIA, 2004, p.39).

O observar do professor passa pelo olhar, muitas vezes, a brincadeira no olhar do professor, muito além de ser um momento de lazer é oportunidade não só de abordar os conceitos, mas de estreitar os afetivos.

É confirmado que a criança aprende melhor quando se relaciona bem com mediador, ou seja, o professor. Sem dúvida é importante a ação do professor, no sentido de ampliar os horizontes das crianças, em todos os sentidos, abrir o universo cultural, é nosso papel o de despertar a curiosidade em nossos alunos.

A vontade de conhecer outras realidades sem perder de vista o real poder do professor sobre a criança, sua influência sobre ela:

A influência não influencia senão quem se deixa influenciar por essa influência... A influência é uma relação e não uma ação. Um ser vivo está em relação com o meio. Está aberto a esse, orientando por ele, dele se alimenta, o assimila, isto é o converte em sua própria substância. O mundo é um conjunto de significado vitais. (FARIA, 2004, p.41)

A influência de relações deve ser tratada pelo professor como uma estrada de mão dupla. A influência do mundo que a cerca e as relações criadas por essas influências não deve de maneira alguma passar despercebida pelo professor.

Levando-se em consideração as influências a que as crianças estão sujeitas, não só pelo adulto, mas também pela mídia, é também função do professor oportunizar situações de análise pela criança das situações do cotidiano.

Notícias, fatos propagandas fazem parte das rotinas das crianças, portanto, devem também fazer parte da rotina das escolas. Discussão sobre todos os acontecimentos que chamem atenção das crianças, e não somente quando convém ao professor.

Talvez a maior influência sofrida pelas crianças é a que se refere a propaganda. A mídia tem um papel crucial no despertar do consumismo em nossas crianças.

A escola, junto com os pais, estão perdendo esta guerra, os atrativos voltados para o “ter” estão criando pequenos adultos voltados para o materialismo, o consumismo, que perdem a noção do “ser”.

Valores que não podem ser visualizados, medidos perdem seu atrativo diante daquilo que reluz, ofuscando o brilho interior. Valores como sinceridade, caráter, honestidade, e tantos outros devem ser incentivado todos os dias em nossa escola. A educação traz, em si evidente falhas de concepção, e querer construir paradigmas de educação, sem questionar a concepção que temos do “ser”, é como planejar uma casa sem ter previsto o alicerce.

Para que possamos melhorar a sociedade que vivemos, reproduzir na escola os valores da cultura capitalista, de brincar com Barbe é mais divertido que brincar com a Emília, boneca de pano feita por alguma vovózinha, é reforçar o modelo de submissão no qual nossa sociedade está, mergulhada.

A mídia, liderada pela televisão age diretamente no emocional de nossas crianças, é neste momento que a escola entra, desenvolvendo o imaginário, mostrando um novo mundo. Ao professor compete:

Refazer a educação, reiventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoa, solidária, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores, educadores que se reeducam juntos, essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária (GADOTTI, 1998, p.27).

7 - OLHOS E IMAGINAÇÃO

O olho vê
A memória revê
A imaginação transvê
É preciso transver o mundo

É necessário ver o mundo com um novo olhar, onde o coração seja a janela de nossas almas. Ter um olhar de criança, criativo curioso e cheio de amor. Buscar em nossa memória o que de bom ficou de nossa infância. E é através do imaginário que se pode mundo, o mundo interior.

A imaginação é sempre um processo experimental. As brincadeiras imaginosas é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento infantil, constituem uma atividade com que a criança testa a forma do futuro. Essa atividade imaginativa dá a criança confiança e liberdade no seu ambiente futuro. A palavra experimento descreve bem esta atividade, assim como a de um físico que experimenta situações matérias que não domina completamente. Ambos aprendem ao experimentar, situações que precisam imaginar previamente. (FARIA, 2004, p.40)

Podemos concluir então que, antes de realizamos qualquer coisa, somos capazes de planejar de usar nosso imaginário, a criança também.

Desenvolvendo o imaginário ela fortalece sua estruturas para o futuro, a criança usa sua imaginação para resolver problemas, assim sendo, concluímos que existe sim uma relação muito estreita ou inexistente entre a realidade e a imaginação.

Cada criança trás consigo uma bagagem composta de experiências, de conhecimento, expectativas, valores, crenças, hábitos, sentimentos, e usa da imaginação como mecanismo de defesa contra as controvérsias da vidas.

É através da imaginação que olhamos para o nosso esta redor e tem uma maneira própria de interpretar e tentar ultrapassar os obstáculos, assim, também age a criança, visualizando uma nova maneira de entender o mundo que a cerca.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brincar é essencialmente importante para o desenvolvimento infantil, no brincar resgatamos o prazer de viver, no leva a um mundo de alegria e desprendimento, onde só quem tem coração de criança pode entrar.

Devemos lembrar que brincar faz parte história do homem e brincando a criança aprende a se conhecer e a conhecer o mundo que a cerca.

Brincar é coisa séria, porque contribui para a formação da personalidade de forma prazerosa e nada é mais significativo que aquilo que fazemos pôr amor. A criança com relação ao seus brinquedos, bonecas, carinhos quebra-cabeça, age como se estes fossem complemento deles, quando perdem ou quebram parece que lhes falta um pedaço.

Portanto devemos respeita a carinho e o sentimento d posse que cada criança exerce com relação ao seu objeto de prazer o brinquedo. É na infância que a criatividade aflora, devemos pois nós deixar levar nas ondas dessa criatividade para também nós voltamos a nos sentir crianças

Durante todo o tempo, em que estive nos curso do PROESF, fiquei pensando em todos os procedimentos, atividades, atitudes que tinha então com as crianças com quem cruzei durante minha vida profissional.

Cheguei a conclusão que mudei muito neste período e que muito ainda tenho que mudar para atingir onde quero chegar como professora, ser para cada criança “uma professora maluquinha” como no livro de Ziraldo, porque, enquanto houver crianças haverá brincadeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTELHIM, B. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- DERVAL, J. **Crescer e Pensar**. Buenos Aires: Paidós, 1979.
- FARIA, A. L. G. **Direito à infância**. Porto alegre: Artes Médicas, 2004.
- GADOTTI, M. **Educação contra a educação: o esquecimento da educação e a educação permanente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- LIMA, E. S. **Conhecendo a criança pequena**. São Paulo: Cepaos, 1990.
- LORENZETTO, L. A. **O corpo que o jogo do corpo**. Campinas: Cortez, 1991.
- MALAGUZZI, L. **Ao contrário, as cem existe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação: relação entre o lazer, a escola e processo educativo**. Campinas: São Paulo, 1988.
- OLIVEIRA, P. S. **Brinquedos e indústria cultural**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PINTO, R. C. **Repensando a educação**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL**. São Paulo. Parma, 1998.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imagino, 1975.
- ZABALGA, M. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.